



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, aos veículos de mídia impressa China Daily (China), L'Equipe (França), Associated Press (EUA), Around the Rings (EUA) e Chicago Tribune (EUA)

Pequim-China, 08 de agosto de 2008

Presidente: ...é amante e apaixonado pelo esporte. Um país com uma população muito jovem e que está fazendo os investimentos necessários para dotar de todas as condições para se apresentar ao mundo em condições de disputar com as cidades que disputam com o Brasil.

Primeiro, nós acabamos de realizar os Jogos Pan-Americanos. E quem acompanhou os Jogos Pan-Americanos sabe que, certamente, se não foram os melhores Pan-Americanos, eu diria que pode ter tido igual, mas melhor do que o brasileiro não houve.

Havia, no início, uma preocupação com a segurança dos Jogos Pan-Americanos, e nós demos o exemplo de como é possível fazer a segurança dos Jogos sem causar nenhum problema, em um país onde a palavra “terrorismo” não existe, em um país onde a expressão “provocações políticas” não existe, em um país onde todos assumem os eventos como se fossem da responsabilidade de todos.

Estamos nos preparando para fazer a Olimpíada Militar, em 2011, que deverá contar com 6 mil atletas, estamos nos preparando para sediar a Copa do Mundo de 2014. Portanto, nós achamos que o PAN, a Olimpíada Militar e a Copa do Mundo deixarão o Brasil preparado para sediar qualquer evento esportivo do mundo.

A única coisa que não vamos reivindicar é fazermos uma Olimpíada daqueles esportes que se pratica no gelo, porque não temos gelo no Brasil.



Mas com as mudanças climáticas, quem sabe, um dia o Brasil possa ter a quantidade de neve necessária para fazer as Olimpíadas de Inverno.

Nós estamos fazendo os investimentos em infra-estrutura para preparar o Brasil para um novo ciclo de desenvolvimento, e obviamente, para preparar o Brasil para a Copa do Mundo de 2014. Além disso, nós somos de uma região do mundo que nunca recebeu uma Olimpíada. Todos os demais países já tiveram Olimpíadas, a América do Sul nunca teve Olimpíadas.

A América do Sul vive um momento excepcional de fortalecimento da democracia, é um continente interligado por fronteira seca, com uma população de quase 400 milhões de habitantes que poderão transitar de carro, de ônibus, de bicicleta, de motocicleta. Portanto, nós achamos que o Brasil está altamente preparado para realizar as Olimpíadas.

Eu me lembro que quando a China concorreu às Olimpíadas muitos argumentos eram de que a China não conseguiria se preparar, não conseguiria fazer as Olimpíadas. Passado um tempo entre a escolha da China e as Olimpíadas, nós percebemos que a China está fazendo uma das Olimpíadas mais bem-estruturadas e organizadas que já houve no mundo.

Ademais, o esporte, por ser uma coisa universal, é preciso que também seja utilizado para ajudar a movimentar e a desenvolver regiões, eu diria, não tão ricas quanto a Europa ou quanto os Estados Unidos. Nós entendemos que, com todo respeito que nós temos por Chicago, Tóquio e Madri, o Rio de Janeiro está infinitamente preparado, com um povo muito mais receptivo, com um povo muito mais apaixonado para realizar as Olimpíadas de 2016.

Eu quero dizer para vocês que em 2016 o Brasil estará entre as cinco maiores economias do mundo. Portanto, nós teremos números, não apenas sociais e esportivos, mas também econômicos, para reivindicar que as Olimpíadas sejam feitas no Brasil em 2016.

O nosso governador certamente estará no cargo até 2014, os companheiros têm a determinação de conquistar esse evento para o Rio de



Janeiro. E nós vamos combinar a cidade mais bonita do mundo com o povo mais esportivo do mundo para ter o direito de reivindicar as Olimpíadas.

É importante que vocês conheçam o Brasil, conheçam o Rio de Janeiro, e vocês vão perceber que todos os investimentos que estamos fazendo neste momento no Rio de Janeiro, e tudo o que está acontecendo no Brasil... Aliás, nós estamos com tanta sorte que ontem acabamos de encontrar mais uma grande jazida de petróleo a 2.300 metros de profundidade de lâmina d'água. E tudo isso vai permitir que o Brasil esteja em condições de sediar as Olimpíadas.

Por isso estamos aqui para ver, para aprender o que está acontecendo, vamos querer aprender com o que vai acontecer em Londres. E esperamos que no próximo ano os delegados, na hora de votar, tenham sensibilidade para compreender que a América do Sul não apenas precisa, mas merece essa oportunidade. E, dentro da América do Sul, o Brasil, que é a maior economia, a maior população, e que é, certamente, o país mais apaixonado pelo esporte no mundo. Isso tudo nos credencia para reivindicarmos a escolha do Brasil para sediar as Olimpíadas de 2016.

Dito isso, colocamo-nos à disposição de vocês.

Representante COB: Presidente, só gostaria que o senhor soubesse quais jornalistas estão aqui. É o (inaudível) do China Daily, diário de língua inglesa; o Alain Luzenfichter, editor-chefe do L'Equipe, de Paris; Phil Hersh, do Chicago Tribune; o Steve Wilson é da Associated Press; e o Ed Hula é do Around the Rings, uma publicação dedicada ao mundo olímpico.

Presidente: Só um aviso: as perguntas que forem pertinentes a alguma coisa específica do governador, do Nuzman ou do Orlando, eu peço para os companheiros responderem ou complementarem.



Jornalista: O senhor é um líder sindical. O senhor não acha que os Jogos Olímpicos são caros demais para o Brasil?

Presidente: Em 1978, um personagem brasileiro ficou muito famoso, possivelmente uma das pessoas mais conhecedoras do Carnaval brasileiro, que dizia: “Quem gosta de miséria é intelectual. Pobre gosta de luxo”.

Eu começo dizendo isso para dizer para vocês que nós não aceitamos a idéia do preconceito, de que é caro fazer as Olimpíadas. Nesses eventos, nós não temos que perguntar quanto o país vai gastar, nós temos que perguntar o que o país vai ganhar. Certamente, o Brasil ganhará muito com a apresentação de uma Olimpíada. Não na questão monetária, mas ganhará na divulgação do País, ganhará na infra-estrutura, ganhará nos investimentos esportivos, porque são muitos anos de discussões, de divulgações, de debates. E o Brasil está amplamente preparado para isso.

O Brasil está entre as nove economias mais importantes do mundo. É um país que tem 504 bilhões de reais, mais de 300 bilhões de dólares em investimento em infra-estrutura. É um país que tem mais de 400 bilhões de dólares de investimentos, até 2012, em novas empresas. É um país que acaba de descobrir enormes jazidas de petróleo. E, portanto, é um país que tem propensão a ter um crescimento extraordinário nos próximos anos.

Então, eu não acho que devemos tratar isso como gasto. Precisamos tratar as Olimpíadas como investimento em infra-estrutura, na formação da nossa juventude, no esporte. E sabemos exatamente que o esporte é um instrumento importante para que a gente possa motivar a juventude a não enveredar pelo caminho da violência e da droga. Por isso, o Brasil merece essa oportunidade.

Jornalista: Bom dia, senhor Presidente. Eu sou do China Daily. Que tipo de experiência o senhor acha que o Rio pode pegar com Pequim? (inaudível)



Como o senhor vê essa competição? Existem muitos fãs chineses do futebol brasileiro. Que tipo de mensagem o senhor gostaria de passar para eles? Qual é o seu jogador de futebol favorito?

Presidente: Eu penso que seria importante que o Nuzman, que é o responsável brasileiro pelo esporte olímpico, que já está aqui há algum tempo e que acompanha, falasse um pouco da experiência da China para o Brasil. Depois, o governador poderia falar um pouco do preparo do Rio de Janeiro. E depois, então, eu falaria de qual é o jogador de minha preferência.

Carlos Nuzman: Penso que uma das coisas mais importantes é estabelecer o que aconteceu há oito anos, quando Pequim foi candidata a sediar os Jogos Olímpicos. Por coincidência, eu era membro da comissão de avaliação do COI e hoje sou membro da comissão de coordenação do COI nos Jogos Olímpicos de Pequim. Posso dizer, francamente, que o desenvolvimento de Pequim foi surpreendente, foi ótimo. Eles ofereceram muito mais do que propuseram na candidatura. O desenvolvimento do investimento em esportes neste país estabelece uma marca histórica nos ideais olímpicos em toda a história das Olimpíadas. Não são apenas os locais das competições, mas o desenvolvimento social de jovens atletas nas escolas, e também da equipe nacional, para preparar toda a delegação para os Jogos Olímpicos. Não tenho dúvidas de que o sucesso da delegação chinesa nestes Jogos é importante, como o nosso presidente da República mencionou, como era antes, como o mundo tinha expectativas em relação à China e como ela se apresentou. Os investimentos mostraram ao mundo uma nova China, um novo esporte na China e um novo país. Essas são minhas observações e não tenho dúvidas de que veremos os melhores Jogos Olímpicos da história. Obrigado.



Governador Sérgio Cabral: Reforçando as palavras do Presidente, no que tange ao desenvolvimento econômico e social do Brasil, os dados econômicos e sociais brasileiros recentes demonstram a inclusão social de milhões de brasileiros nos últimos seis anos.

Dados recentes demonstram que uma parcela significativa da população brasileira passou a ser classificada, pelo seu poder de consumo, como a nova classe média brasileira. Cinquenta e um por cento da população, nos últimos anos, passou a consumir mais, a comer mais, a viver melhor e a ter uma vida digna.

O Rio de Janeiro tem, nesse quadro brasileiro de desenvolvimento sustentado, de desenvolvimento brasileiro estável, onde os fundamentos econômicos e democráticos são absolutamente estáveis, o Rio de Janeiro tem uma tradição histórica de sediar grandes eventos – eventos internacionais, eventos musicais, com milhares e milhares de pessoas – seja em estádios ou em áreas públicas, com grandes nomes das artes do mundo inteiro.

No campo desportivo, sem dúvida nenhuma, o Pan-Americano surpreendeu a própria comunidade desportiva internacional e a imprensa internacional. Eu sou jornalista de profissão e é sempre surpreendente quando um evento internacional ganha a unanimidade da imprensa nacional e internacional. Foi exatamente o que ocorreu com os Jogos Pan-Americanos do ano passado, no Rio de Janeiro. Não houve um senão, um porém, uma crítica. Segurança, transporte, infra-estrutura, equipamentos esportivos, infra-estrutura para a imprensa, tudo funcionou muito bem. Com o acréscimo do que o presidente Lula ressaltou, com muita propriedade, que é uma característica do povo brasileiro: a participação popular.

Recordo-me da principal competição de remo, em um cenário talvez dos mais bonitos do mundo, na Lagoa Rodrigo de Freitas, quando os dirigentes internacionais se surpreendiam com a Lagoa tomada pela população, em toda a sua margem, vibrando com o evento. O Presidente da Federação



Internacional de Remo comentou comigo e com o Presidente do Comitê Olímpico: “Jamais vi uma competição com esse público e com essa vibração em minha vida”.

Recentemente fizemos a etapa final do Mundial de Vôlei. Fizemos, recentemente, um evento internacional de judô. Recentemente fizemos um evento internacional de natação. Estaremos sediando, ainda este ano, o Campeonato Mundial de Futsal e o Mundial de Corrida de Ruas. Teremos, como disse o Presidente, as Olimpíadas Militares de 2011. A final da Copa do Mundo – além de ser sede de uma das chaves – será no Rio de Janeiro, em 2014.

Os investimentos públicos e privados do Rio de Janeiro, para os próximos três anos, montam à casa dos 40 bilhões de dólares. Hoje, o maior investimento industrial privado do Ocidente é feito no Rio de Janeiro, investimentos em estradas, portos, aeroportos, metrô, trens urbanos. Os investimentos sociais nas áreas pobres são gigantescos. Em parceria com o presidente Lula, estamos mudando a vida de milhares e milhares de pessoas na cidade do Rio de Janeiro, levando tratamento de esgoto, novas habitações, acessibilidade, escolas, hospitais, na versão social do Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC.

De maneira que o Rio está pronto para receber essa responsabilidade e cumprir as exigências do Comitê Olímpico Internacional. O Rio de Janeiro, por duas vezes se candidatou no passado, e todas as notas dessa vez foram muito superiores. A nota máxima dada à segurança, nas duas últimas vezes, foi a nota mínima deste ano. Para tudo que for necessário ser cumprido, nós temos tempo. O governo brasileiro, o governo do Rio de Janeiro e, sobretudo, o povo, estamos dispostos a cumprir as exigências do Comitê Olímpico Internacional e fazer exatamente o que o presidente Nuzman descreveu, no caso da China: surpreender o mundo fazendo mais do que o necessário.



Presidente: Eu penso que as Olimpíadas não se encerram com seu término. É preciso que tenhamos consciência do legado que as Olimpíadas vão deixar na alma do povo chinês. Certamente, quando terminarem as Olimpíadas e as delegações voltarem com ou sem medalhas, em cada chinês – do presidente Hu Jintao ao mais humilde dos chineses – ficará a imagem de que ele estará gostando mais de voleibol, de futebol feminino, de futebol masculino, de tênis de mesa, de natação e de judô. É exatamente esse o objetivo das Olimpíadas. A medalha é consequência do esforço individual ou coletivo de cada equipe, mas o toque na consciência e na alma das pessoas fica para sempre. É isso que o Brasil espera que aconteça com os nossos irmãos chineses: que cada chinês seja mais esportista daqui para a frente.

Com relação ao meu jogador predileto, hoje, da parte do Brasil – embora tenha muitos jogadores importantes – eu penso que o melhor de todos mesmo seja o Kaká, é o que está em melhores condições. Acho que o Ronaldinho Gaúcho, na hora em que assumir a responsabilidade de voltar a jogar, pode continuar sendo um grande jogador, mas precisa ter vontade de voltar a ser o grande Ronaldinho.

Hoje o Brasil tem um problema: já não é mais o país do futebol como há 15 anos. Hoje nós somos apenas um grande produtor de jogadores de futebol. Os jovens estão saindo do Brasil com 15, 16, 17 anos. Às vezes, nós conhecemos jogadores brasileiros vendo o futebol da Itália, da Inglaterra, dos Estados Unidos, ou melhor, da Espanha, da Alemanha. Às vezes, jogadores que nem conhecemos no Brasil ficam famosos na Europa e são convocados para a Seleção brasileira.

O Brasil continua sendo um grande formador de jogadores, mas o futebol brasileiro, neste momento, não está em condições de competir com os europeus, por exemplo, na formação de grandes times de futebol. A gente analisa a Seleção inglesa com os times ingleses. Quando vemos o Manchester, o Liverpool, o Chelsea jogarem, percebemos que os times, individualmente,



são melhores que a Seleção porque têm jogadores de vários países jogando neles.

Jornalista: No relatório do Comitê Olímpico Internacional emitido em junho passado sobre o Rio de Janeiro, a segurança foi citada como uma das preocupações dos peritos. Em conversas que tive com alguns dos membros do COI, eles também estão temerosos em levar as Olimpíadas para o Rio de Janeiro por causa de questões de segurança pessoal e de preocupações com a segurança. Obviamente é algo que deve ser visto até a votação do COI em outubro de 2009. O que deve acontecer a fim de convencer os membros do COI de que o Brasil e o Rio de Janeiro serão um lugar seguro para sediar os Jogos Olímpicos?

Presidente: Eu acredito que um pouco de realismo. Nós não temos o ETA no Brasil, não temos atentados a metrô no Brasil como tem em Londres, e não tem mais violência pessoal do que nos Estados Unidos. É só acompanhar a imprensa para perceber que a violência é muito grande. Nós temos uma fotografia importante para mostrar, que foram os Jogos Pan-Americanos. Havia também esse temor e não houve um único incidente nos Jogos Pan-Americanos. Se alguém no Brasil imaginava praticar um ato de violência, ele entrou de férias e permitiu passarem os Jogos Pan-Americanos, porque ele sabia que eram uma paixão nacional. Eu duvido que em algum país do mundo os Jogos Pan-Americanos tenham mexido com a sociedade e com o Estado, como mexeram com o Brasil.

Os membros do COI precisam entender que alguns países estão prontos e outros países precisam se aprontar. O Brasil está quase pronto. Obviamente que o Rio de Janeiro tem muito a fazer com relação à questão da segurança pública. Nós já temos um histórico de estruturar planos de segurança. O governo do estado do Rio de Janeiro e o Ministério da Justiça estão



trabalhando juntos na organização dos sistemas de segurança no Rio. Estamos fazendo grandes intervenções nas partes pobres do Rio, nas favelas, e estamos investindo.

Porque nós entendemos que a melhor maneira de combater a criminalidade e solucionar questões de segurança é a ausência do Estado e do governo nessas partes, levando educação, esportes. Estamos fazendo isso nas maiores favelas do Rio: Complexo do Alemão, Manguinhos, Pavão, Pavãozinho. Essas são todas as favelas nas quais o governo está presente, levando educação, empregos, treinamento profissional e segurança para a comunidade. A partir daí, conseguiremos solucionar essa questão que você mencionou, que é a violência hoje nas cidades.

É por isso que os membros do Comitê Olímpico Internacional, antes de tomar qualquer decisão no ano que vem, eles precisam saber, de forma bastante aprofundada, nos próprios locais, a cidade que vai sediar os próximos Jogos Olímpicos. Porque a mente do ser humano raciocina de acordo com o local onde ele anda e pisa. Quando vou à Europa, eu penso com a tendência européia. Quando vou aos Estados Unidos, pego o jeito americano. Este é o meu mundo. O que queremos é que as pessoas tomem suas decisões depois de colocarem os pés em todos os lugares e saberem o sentimento das pessoas, como as pessoas encaram os Jogos Olímpicos. Eu não acredito que tenha, em outra parte do mundo, um país onde o esporte mobilize mais gente, mexa mais com o povo do que o Brasil. Dentro do Brasil, nós podemos citar o Rio. Eu sempre digo que quando Deus fez o mundo, ele preparou o Rio para os Jogos Olímpicos. Se, em alguns momentos, os políticos não ajudam, desta vez o Brasil tem um grupo de políticos que não tem medo de gostar de coisas boas, não tem medo de fazer investimentos. Estamos convencidos de que o Rio de Janeiro será uma outra cidade e de que o Brasil será um outro país, um país diferente, depois que os Jogos Olímpicos acontecerem lá.



Governador Sérgio Cabral: Do ponto de vista econômico, o que significa o Brasil hoje para a América Latina e especialmente para a América do Sul? O que é o Rio de Janeiro? Estamos falando de um estado cujo Produto Interno Bruto é igual ao Produto Interno Bruto de Israel, igual ao Produto Interno Bruto do Chile. Só uma cidade do Rio tem o mesmo PIB do Chile e de Israel. Nós temos que colocar os pés no chão e nos aprofundarmos. A China também sofreu um enorme preconceito, há oito anos, quando foi escolhida para sediar as Olimpíadas. Então, temos que colocar os pés no chão e verificar a realidade de cada uma. O estado do Rio de Janeiro é um estado que tem o PIB igual ao de Israel e de Chile, uma economia forte e boa infra-estrutura. Aliás, nós temos quase toda a infra-estrutura necessária pronta, estamos quase prontos para, junto com o governo federal, fazer o que for necessário para sediar as Olimpíadas de 2016.

Jornalista2: Eu esperava poder perguntar sobre o momento em que o senhor iria dar apoio ao Brasil. Historicamente, os estados têm apoiado as cidades que estão fazendo seus lances no final do processo. Parece um pouco mais cedo do que o normal, o Presidente demonstrar o seu apoio. Isso significa o aumento da agressividade do lance brasileiro na disputa para as próximas Olimpíadas?

Presidente: O governo federal, com o governo do estado do Rio de Janeiro, o Ministério dos Esportes e o Comitê Olímpico Brasileiro assumiram o compromisso de levar muito a sério a indicação do Rio para sediar os Jogos Olímpicos. Isso começa exatamente na preparação do projeto, para que os delegados que vão votar possam conhecer o Rio. Então, nós não queremos entrar em cena depois, nós queremos entrar em cena neste momento, no tempo certo para cumprir todos os estágios. E as Olimpíadas, no Brasil, não são um ganho apenas para o Rio, mas para o Brasil. Eu duvido que muitas das



peças que virão às Olimpíadas, não gostarão de conhecer 360 milhões de hectares da floresta Amazônica. Eu tenho certeza de que muitas pessoas gostariam de conhecer o que significa um país que tem 13,7% da água potável do mundo, a beleza do Pantanal. Eu gostaria de fazer as pessoas saberem que Niagara Falls parecerá um simples chuveiro quando comparada às Cataratas de Foz do Iguaçu.

Então, o Brasil assumiu. Eu serei presidente até 2010. No dia 31 de dezembro de 2010 eu estarei na Presidência. Eu sei que o alicerce para as Olimpíadas tem que ser colocado agora, e cada meta construída até 2016. Mas a compra do terreno, o alicerce e o projeto têm que ser agora. Da mesma forma que assumimos o compromisso com a Copa do Mundo de 2014. Também foi a mesma coisa. Nós tivemos que desenvolver projetos, assinar compromissos comprovados pelo governo federal brasileiro. Portanto, o Estado teve que consentir com os seus compromissos independentemente de quem será o próximo presidente. O mesmo nós vamos fazer com as Olimpíadas para honrar esses compromissos. O momento de assumir esses compromissos é agora. Nós só poderemos dar um passo adiante no ano que vem, se formos escolhidos para sediar as Olimpíadas.

O que nós queremos é apenas a chance, e por isso estamos fazendo um apelo aos delegados: conheçam o Brasil, conheçam o Rio de Janeiro, conheçam o que pensa o governo do estado do Rio, conheçam o que pensa o presidente do País, conheçam o que pensa o povo brasileiro. Porque se não fosse assim, um país como a China nunca teria ganhado as Olimpíadas, o povo nunca teria ganhado. Agora, do ponto de vista humanista, as Olimpíadas não podem ser feitas apenas em países ricos. Elas têm que ser feitas também em outros continentes, em outros países. Afinal de contas, não tem nada mais sagrado do que a democracia praticada nos esportes.



Jornalista: Senhor Presidente, eu não vou tomar muito o seu tempo. A pergunta é a seguinte: o seu compromisso está muito claro com esses Jogos Olímpicos, e o senhor já falou que os membros do COI deveriam ver o que o Rio pode oferecer. Será que nós podemos esperar vê-lo, no ano que vem, em Copenhague, em pessoa, ao vivo, para dar essa mensagem aos membros do COI?

Presidente: Eu me comprometi com o governador, com o ministro dos Esportes e com o Nuzman que serei cabo eleitoral dessa candidatura brasileira. Faço isso como um brasileiro apaixonado por esportes e com a certeza de que seremos capazes de sensibilizar os delegados que tomarão a decisão. Acho que no mundo, seja na nossa vida social, particular, nas relações com nossos amigos ou nas relações públicas, ninguém respeita quem não se respeita.

O Brasil não quer mais ser visto como um país do futuro, como um país que tem grande potencial. O Brasil quer ser visto agora como um país importante, com 190 milhões de habitantes, a nona economia do mundo, com perspectiva de se tornar uma economia ainda maior, muito mais rápido do que muitas pessoas pensam, e, talvez o país mais apaixonado por esportes do que qualquer outro. Então, é com esses ingredientes que apresentamos nossa candidatura, o orgulho brasileiro reivindicando que o Brasil sedie as Olimpíadas de 2016.

Governador Sérgio Cabral: Se vocês tivessem ido ontem à Vila Olímpica, e visto a emoção dos atletas ao verem o presidente Lula, vocês entenderiam o que significa o presidente Lula para o esporte brasileiro, a emoção dos atletas brasileiros ao encontrarem com o presidente Lula. O presidente Nuzman tem dito reiteradamente que jamais na história do esporte brasileiro, um presidente da República deu tanto apoio à comunidade esportista, como o presidente Lula.



A delegação brasileira entrará para a história como a maior delegação que participou de Jogos Olímpicos, graças ao apoio do Ministério dos Esportes, das companhias brasileiras, do governo brasileiro, dos Correios, da Petrobras, da Eletrobrás, da Caixa, da Infraero, do Banco do Brasil, de todas as empresas estatais do Brasil. Então, imagina um Presidente apaixonado por esportes, que acredita no esporte como um instrumento de emancipação do Brasil, que vai a todos os compromissos necessários para demonstrar o seu amor pelo esporte, e que faz investimentos no esporte.

Presidente: Uma outra coisa: você está convidado a ir a Copenhague.

Jornalista: Se eu for convidado, estarei presente em Copenhague.

Presidente: Tem um fato novo: 10% dos atletas brasileiros que estão em Pequim recebem uma bolsa de estudos do Ministério dos Esportes. Talvez vocês tenham oportunidade de ver as Paraolimpíadas e perceberão a quantidade de atletas que são portadores de necessidades especiais e deficientes que estão sendo patrocinados pelo Estado brasileiro por meio do Ministério dos Esportes. Se nós não fizessemos assim, essas pessoas não teriam condições de participar das Olimpíadas de Pequim. Podem perguntar para qualquer atleta brasileiro: em outras Olimpíadas, muitos deles participaram com meios próprios. Eles não tinham patrocinador, o Estado estava ausente. Às vezes nem roupa apropriada tinham para praticar esporte.

Hoje nós estamos cuidando da delegação brasileira com muito carinho e com muito orgulho, como se fôssemos um pai que tem um filho que viajou pelo mundo inteiro, treinou um ano inteiro para competir nas Olimpíadas. Pode ser que ele perca no primeiro minuto. Agora, a medalha é apenas uma consequência. O que importa é estar aqui, com espírito olímpico, mostrar espírito olímpico e, à noite, ao colocar a cabeça no travesseiro, mesmo que



tenha perdido, saber que fez o máximo que podia. Então, se eu ajudar indo a Copenhague, posso garantir que estarei lá com a mesma paixão que estou aqui hoje. Muito obrigado.

(\$31DGJMQ)